



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

de Oliveira Agra, Klondy Lúcia

A ironia na literatura canadense: uma estratégia retórica e estrutural exibindo dissonâncias e
diferenças

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 34, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 107-111

Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426650014>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



A ironia na literatura canadense: uma estratégia retórica e estrutural exibindo dissonâncias e diferenças

Klondy Lúcia de Oliveira Agra

Faculdade Interamericana de Porto Velho, Av. Mamoré, 1520, 78919-541, Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: klondy2@gmail.com

RESUMO. Neste artigo, observo, com base na literatura canadense, os sentidos dados à ironia utilizada como estratégia retórica e estrutural. A partir da pesquisa bibliográfica, procuro por esclarecimentos sobre a característica da ironia canadense, sua forma e seu foco específico com apoio das teorias crítica, pós-moderna e pós-colonial.

Palavras chave: cultura, sentido, ideologia dominante.

The irony in Canadian literature: a rhetorical and structural strategy displaying differences and dissonance

ABSTRACT. In this article, the result of study about Canadian literature, I observe the use of the irony as a rhetorical and structural strategic. From the bibliographical research, I look for clarification on the characteristic of Canadian irony, its form and its specific focus with support from critical theory, postmodern and post-colonial.

Keywords: culture, sense, dominant ideology.

Introdução

A ironia é comumente utilizada como um instrumento que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que realmente pensamos. Por esse caráter dúvida, a ironia é vista como a arte de satirizar alguém ou alguma coisa, visando obter uma reação do leitor, ouvinte ou interlocutor.

Essa estratégia retórica e estrutural pode ser utilizada, entre outras formas, com o objetivo de denunciar, de criticar ou de censurar algo. Para tal, o locutor descreve a realidade com termos aparentemente valorizantes, mas com a finalidade de desvalorizar.

Essa estratégica convida o leitor ou o ouvinte a ser ativo durante a leitura, para refletir sobre o tema e escolher uma determinada posição. Não é um termo novo. Desde Quintiliano e Cícero já se fala sobre a ironia¹. Ela é vista como uma estrutura comunicativa que se relaciona com a sagacidade e tem lugar privilegiado nas pesquisas e entre os estudos críticos.

Na arte dramática, por exemplo, a ironia é observada como um descompasso entre a situação desenvolvida pelo drama e as palavras ou os atos que

a acompanham. À plateia permite-se estar ciente dessa situação; já aos personagens essa mesma percepção não é estendida. Nesse descompasso encontram-se, pois, as palavras nas representações que formam sua própria realidade ou a verdade da ficção.

Dentre as estratégias textuais, encontram-se a ironia e o humor, percebidos por uma plateia menos ingênuas, de leitores/espectadores desconfiados, para quem os jogos de sedução, de poder e de *nonsense* estão sempre pedindo decifração. A ironia, portanto, em variadas obras literárias, envolve a diferença ou contraste entre aparência e realidade.

Como a longa história do desenvolvimento da sátira e da ironia mostra², a ironia tem sido utilizada como uma maneira de se criticar. No entanto, discussões e estudos mais recentes sobre o tema, considerando especificidades culturais, ao invés da universalidade humanista, apontam a ironia como forma de denotar dissonâncias, discórdias, desrespeitos e diferenças.

De acordo com Hutcheon (1992), uma das mudanças mais importantes na literatura está no uso da ironia. Sua utilização, que antes passava a idéia de absurdo, fundamentalmente pessimista e vista como

¹Gaunt, (1989); Good, (1965); Green, (1979)

²Worcester (1960); Büchner (1941); Dopp (1960); Hass and Mohrüber (1973); Rodway (1962).

destacada de existência³, hoje dá uma noção positiva de expressão artística com poder renovado, como uma força crítica comprometida, quer dizer, como uma estratégia retórica estrutural de resistência e oposição.

Neste artigo, a partir da pesquisa bibliográfica, procuro examinar o uso da ironia canadense, sua forma e seu foco específico. Para esse fim, observo teorias que esclareçam pontos de interesse sobre a cultura canadense e seus sentidos culturais.

A Ironia na Cultura Canadense

No contexto deste estudo, entendo a cultura como um encontro de conhecimentos, de hábitos e de línguas, encontro esse que sempre acontece dentro de um contexto de luta pelo significado. Entendo, também, que certos interesses estão inevitavelmente servidos por definições culturais particulares ou por interpretações de definições particulares.

A cultura canadense, segundo Frye (1971), tem uma mentalidade de guarnição ou defesa. Essa ‘mentalidade de guarnição’⁴ tem dupla significação: por um lado, é compreendida como uma consequência natural do ambiente severo enfrentado pelos primeiros colonos canadenses; por outro, é um modo de racionalizar atos da agressão imperial cometidos pelos poderes europeus.

Certos tipos de definições culturais também reforçam suposições epistemológicas particulares e, embora sejam simplesmente redutivas para identificar sistemas epistemológicos em classes ou interesses de gênero, percebe-se que em tais sistemas tais definições estão sempre implicadas.

Neste artigo, estudo a ironia canadense pelos seguintes ângulos: o padrão histórico da ‘ironia’ na cultura canadense e a compreensão desse padrão em termos de confrontos a partir das definições de cultura. Noto, portanto, que a ‘ironia’ tem um lugar na ‘ideologia dominante’ da cultura canadense, mas que se torna um tema mais intenso quando um escritor afirma isso a partir da resistência ou da redefinição da ideologia.

A partir dessa observação, acredito que escritores canadenses utilizam a ironia relacionada a uma série de autodefinições e posicionamentos próprios: isto é, posições do cidadão canadense em resposta aos seus antepassados políticos, franceses e ingleses, e ao próprio presente (em termos da cultura Americana); posições tomadas que levam em conta a relação das margens com o centro e com as minorias (gênero, etnia; nativos; homossexuais, etc.).

³Gliksberg (1969).

⁴Frye (1971).

À luz dos questionamentos pós-modernos, observo também que não há nessa utilização da ironia nenhuma demonstração de identidade coerente, estável e autônoma (ou individual ou nacional), pois essas posições mostram um caráter provisório e incerto - não porque autores canadenses sejam ou queiram demonstrar fraqueza, mas porque estão, de modo ideológico, opondo-se ao dominante e, talvez, à presunção de culturas dominantes e dominadas.

Segundo Hutcheon (1992, p. 29), E. D. Blodgett definiu a língua falada pelos canadenses como “[...] um idioma misturado e ambíguo por lei, sempre oferecendo rotas de fugas possíveis [...] sem nunca sair de casa”. De acordo com Hutcheon, Blodgett complementa:

A língua Canadense é também, ‘por lei’ ou por preferência, frequentemente irônica. Obsessiva em articular sua identidade. A voz do Canadá é frequentemente uma duplicação da língua bifurcada pela ironia⁵ (BLODGETT apud HUTCHEON, 1992, p. 29, tradução nossa).

Hutcheon explica que, embora normalmente vista como uma arma retórica de defensiva ou de ofensiva, a ironia (no sentido semântico básico de declarar uma coisa e significar outra) também é um modo de ‘falar’ (em qualquer mídia) que permite que locutores dêem voz e ao mesmo tempo confrontem qualquer discurso oficial, isto é, atuem dentro de uma tradição dominante, mas também a desafiem, sem isso estar totalmente explícito.

Após essas reflexões sobre a cultura canadense e a ironia que a envolve, acredito que a ironia tem lugar marcante dentro da ideologia dominante da Cultura canadense, mas que se torna um tema bem mais interessante quando escritores a utilizam como parte de uma resistência como forma de redefinir essa ideologia.

Para a observação do que argumento nos parágrafos anteriores procurei por críticos como Robert Kroetsch, Linda Hutcheon e Frank Davey, entre outros, cujas afirmações e demonstrações de ironia emergem de um particular interesse na redefinição da cultura canadense. Em seus trabalhos, tais críticos, implicitamente, promovem conceitos pós-modernos como ferramentas úteis para a compreensão da cultura canadense. Em busca dessa compreensão, segundo Dopp (1992, p. 40) Davey, Hutcheon e Kroetsch usam e abusam da ideologia que eles próprios procuram redefinir.

⁵[...] the “Canadian” we speak as “a mixed language, by law ambiguous, and always offering possible escape routes [...] without ever leaving home. It is also, I think, “by law” or by preference, frequently ironic. Obsessed with articulating its identity, Canada’s voice a doubled one, that of the a doubled one, that of the forked tongue of irony.

Essa busca pela redefinição através da ideologia é um dos principais pontos de interesse na análise desses críticos à compreensão dos sentidos da ironia presentes na literatura canadense.

A Crítica Literária e a Ideologia Dominante

A ‘ideologia dominante’ de acordo com Eagleton (1976, p. 54, tradução nossa) é um cenário relativamente coerente de discursos de valores, representações e crenças que “[...] refletem as relações experimentais de subjetividades individuais às condições sociais. Funcionam como uma garantia de que percepções distorcidas da realidade contribuem para a reprodução das relações sociais dominantes”⁶.

De acordo com Dopp (1992, p. 41, tradução nossa), no Canadá Inglês, a ideologia cultural dominante é compreendida como:

- 1) *status* como uma nação colônia, e
- 2) o fato de que o país desenvolveu-se sem uma guerra civil ou revolução.

O primeiro item envolve a relação do país com a Grã Bretanha; o segundo a relação com os Estados Unidos⁷.

Bons exemplos que dão sustento a essa compreensão de Dopp, pois demonstram os modos mais comuns de articulações dessas relações, podem ser encontrados nas escritas de Alfred Bailey e Northrop Frye.

Em *Evidences of Culture Considered as Colonial* de Bailey, o autor evidencia as características geralmente atribuídas à herança colonial canadense. O Canadá de fala inglesa, segundo Bailey (1972, p. 183) ‘tem sido objeto de medida de descontinuidade, dispersão e divisão’. Diferente dos canadenses franceses, que têm estabelecido uma medida de ‘continuidade interna’, os canadenses ingleses têm mantido ‘uma atitude de dependência do país mãe’. Uma atitude que, segundo esse autor, tem afetado de diversas formas o próprio crescimento cultural.

Reforçando seus argumentos, Bailey (1972, p. 84, tradução nossa) afirma:

Artistas canadenses ingleses têm imitado os Ingleses, mas não conseguiram atingir os mesmos graus. Sucessivos impulsos criativos têm impelido à evolução que geralmente acabam no *cult de sac*, cada

⁶“a relatively coherent set of ‘discourses’ of values, representations and beliefs which [...] so reflect the experimental relations of individual subjects to their social conditions as to guarantee those misperceptions of the ‘real’ which contribute to the reproduction of the dominant social relations”.

⁷In English Canada the dominant cultural ideology has tended to be concerned with: 1) our status as a colonial nation, and 2) the fact that our country has developed without revolution or civil war. The first of these involves our relationship with Britain; the second, our relationship with the United States.

um vivendo o seu espaço limitado, e falhando em seguir junto com outros na formação de um fluxo vital contínuo⁸.

De acordo com Frye, a ausência de uma tradição revolucionária no Canadá tem perpetuado o complexo de inferioridade cultural descrito por Bailey. Segundo Frye (1982, p. 47, tradução nossa), ao contrário dos Estados Unidos, que tem apreciado grandemente “[...] um sentido de avanços progressivos e lineares [...]”, o Canadá “[...] nunca se definiu como uma sociedade unificada [...]”. Não há ‘um modo de vida canadense’, nada ‘cem por cento canadenses’, resultando numa ausência de autoconfiança⁹.

Essa ausência de autoconfiança na cultura canadense é ponto central para a famosa (já mencionada acima) formulação de Frye da ‘mentalidade de guarnição’¹⁰ como característica dominante da mentalidade canadense.

Com a revisão dos críticos acima mencionados e a retomada de Bailey e Frye, observo que existe uma relação forte entre a mentalidade colonial e histórica com a maioria das formas mais comuns de crítica literária no Canadá.

Entendo, portanto, que a crítica literária toma um papel importante na cultura canadense à medida que se importa com a tradição canadense emergente contra os grandes trabalhos do passado.

A Ironia na Literatura Canadense

Com as considerações acima, chego à conclusão de que, segundo a ideologia dominante, há pelo menos dois modos distintos de falar sobre a ironia na literatura canadense. O primeiro exibe o padrão histórico da ‘ironia’ na cultura canadense e o segundo, a compreensão desse padrão em termos de confrontos a partir das definições culturais.

Waterston (1985, p. 57-62) fala da tradição de ‘realistas irônicos’ presentes na literatura canadense em trabalhos de escritores como Leacock, Montgomery, e Munro. De acordo com Waterston (1985, p. 61, tradução nossa), tais escritores enfatizam “a discrepância entre o ideal de civilidade

⁸English-Canadians artists have imitated the English but have failed to rise to the same heights. Successive creative impulses have prompted developments which have usually turned out to be *cult de sac*, each living out its limited span, and failing to flow together with others to form a vital continuous stream.

⁹Unlike the United States, which has largely enjoyed “a sense of progressive and linear advance,” Canada is never “never defined itself as a unified society in this way”. There is no “Canadians way of life”, no “hundred per cent Canadian”; as a result Canadians lack a certain self-confidence.

¹⁰A formulação do Frye ‘mentalidade de guarnição’, aponta para a idéia que as pequenas e isoladas comunidades pioneiras formam uma barreira psicológica protetora às comunidades circundantes ‘enorme, irrefletida, ameaçadora e com um formidável cenário físico’; e que a mentalidade de guarnição penetrou na literatura canadense de ambas as maneiras: na intertextualidade e como uma reflexão de persistência desta mentalidade na esfera social (FRYE; NORTHRUP, 1971).

e as realidades de uma desorganizada cidade pequena”¹¹.

Waterston argumenta ainda que cronistas que enfatizam a vida em pequenas cidades têm peculiaridade significante para os canadenses.

A forma áspera de Galt pareceu ajustar-se facilmente as histórias da asperidade da terra [...] Em termos de condições sociais, a forma parece também apropriada para difundir a desarmonia de vida das comunidades canadenses das pequenas cidades¹² (WATERSTON, 1985, p. 61, tradução nossa).

A segunda maneira de falar sobre a ironia na literatura canadense, segundo Jamie Dopp (1992, p. 43) é mais interessante. Dopp explica esse ponto de vista da seguinte maneira:

A literatura deve ser construída com um pensamento essencialmente irônico para penetrar no coração dos canadenses. Esta posição torna-se evidente se tomarmos como exemplo Margaret Atwood em *Survival*. De acordo com Atwood, a experiência do Canadá como colônia leva a literatura canadense a ser inevitavelmente pessimista ou “irônica”. Porque “O Canadá por inteiro é uma ‘vítima’ ou uma ‘minoria oprimida’, ou ‘explorada’”, a literatura canadense “é mais intensa que a maioria e a morte e o fracasso estão fora do controle” (p. 35). Heróis canadenses não estão preocupados em alcançar glória maior, como suas contrapartes Americanas, mas preocupam-se simplesmente com a sobrevivência¹³ (DOPP apud ATWOOD, p. 35, tradução nossa).

Como um símbolo do arquétipo do canadense original, Jamie Dopp afirma que *Survival* incorpora o que Muecke chamaria de ‘ironia geral’. Segundo Muecke (1982, p. 121) a Ironia Geral apoia-se em contradições aparentemente fundamentais e irremediáveis:

Contradições, aparentemente fundamentais e irremediáveis que confrontam os homens quando eles especulam sobre tópicos como a origem e o propósito do universo, o livre arbítrio e o determinismo, a razão e o instinto [...]. A maioria desses tópicos é dita como redutível para uma grande incongruência, a aparente liberdade e autoestima, mas a um ego temporalmente finito em um universo que parece ser totalmente estrangeiro, totalmente

¹¹Such writes emphasize “the discrepancy between the ideal of civility and the actualities of a disorganized small town”(60).

¹²That these chroniclers of small town life have a peculiarly Canadians significance. “Galt’s rough form seemed to fit easily into stories of a rough land [...] In social terms, the form seemed also a appropriate for the disunified unharmonious small-town life of Canadian communities” (61).

¹³It has to do with an essential irony thought to be at the heart of the Canadian. This position is most influentially taken up by Margaret Atwood in *Survival*. According to Atwood, Canada’s experience as colony leads Canadian literature to be unusually pessimist or “ironic”. Because “Canada as whole is a victim, or an ‘oppressed minority’, or ‘exploited’. The Canadian literary gloom is more unrelieved than most and death and failure toll out of proportion” (p. 35). Canadians heroes are preoccupied not with achieving some greater glory, like their American counterparts, but with simply surviving.

despropositado, completamente determinante e vastamente incompreensível¹⁴ (MUECKE, 1982, p. 121, tradução nossa).

Sem dúvida Atwood e Waterston trabalham com a ideologia dominante de inúmeras maneiras. Ambos vêem a ironia que eles descrevem como produtos das experiências culturais definidas por Bailey e Frye. A noção de ‘sobrevivência’ de Atwood está diretamente ligada à noção da ‘mentalidade de guarnição’ de Frye, no sentido de indefinição de uma posição canadense. Waterston vê a desunião das pequenas cidades canadenses refletida na ficção de Galt como um produto da ‘mentalidade pequena’ dos cidadãos com uma “consciência colonial cujo verdadeiro centro de suas vidas está distante” (WATERSTON, 1985, p. 60).

As definições oficiais do Canadá, sejam elas feitas por Northrop Frye, Margaret Atwood ou por outros revisitados na elaboração deste estudo, sugerem, na verdade, uma perspectiva nacional e um tema cultural da ironia na literatura canadense. Esta retórica de reivindicações de identificação da cultura canadense como uma literatura de imigrantes, ou seja, como Atwood declara na introdução de seu trabalho (ATWOOD, 1977, p. XXXI, tradução nossa): ‘um luto de casas abandonadas e coisas perdidas’¹⁵.

Há, no entanto, presente nas escritas de vários literatos canadenses¹⁶, um outro tipo de ironia. Uma ironia reconhecida por leitores que conhecem a realidade do discurso oficial canadense. Discurso da heterogeneidade e do multiculturalismo que, por ser um discurso elitizado, esquece as tensões e desafetos e vem carregado de preconceitos.

Tal ironia denota a dissonância, a discordia, o desrespeito e as diferenças. Metáforas que sugerem uma luta contra as definições oficiais, descritas pela maioria elitizada canadense. Uma elite branca, não homossexual, não feminista etc.

Ademais, o discurso irônico que sugere resistência toma como base as próprias experiências de vida desses escritores como membros de uma sociedade que utiliza como apelação máxima as ‘minorias visíveis’. Desse modo, essa ironia contrapõe-se a esse discurso oficial. Enquanto discursos culturais e políticos

¹⁴General irony lies in those contradictions, apparently fundamental and irremediable, that confront men when they speculate upon such topics as the origin and purpose of the universe, free will and determinism, reason and instinct [...] Most of these, it may be said, are reducible to one great incongruity, the appearance of free and self-valued but temporally finite egos in a universe that seems to be utterly alien, utterly purposeless, completely deterministic, and incomprehensibly vast.

¹⁵“a mourning of homes left and things lost”.

¹⁶Himani Bannerji’s (BANNERJI’S, 1986) “Paki, Go Home” from her collection doing time; Krisantha Sri Bhaggyadatta’s poem called “Big Mac Attack!” from The Only Minority Is the Bourgeoisie; and Dionne Brand’s poems “Primitive Offensive”.

clamam a harmonia dessa maioria, a fala irônica criada pela minoria não branca, homossexual e feminista desmente isso.

Considerações finais

Com muito a pesquisar e exemplos a analisar, vejo a ironia na literatura canadense como uma estratégia retórica e estrutural que exibe dissonâncias e diferenças com dois sentidos bem marcantes. Um sentido de desconstrução e outro de construção.

O autor canadense aqui compreendido utiliza a ironia em relação a uma série de definições e posições próprias. Afirmações e posições que ele utiliza em resposta à sua colonização, ao seu passado político e ao seu próprio presente.

Com a utilização dessa estratégia com sentido de desconstrução, o autor toma posições contra o seu passado político Francês e Inglês e contra o seu presente, que parece moldar-se aos padrões norte-americanos, numa tentativa de desconstrução do próprio colonialismo.

Na utilização da ironia com sentido de construção, autores tomam posições regionais contra as posições centrais, aproveitam as experiências pessoais para ironizar o pensamento da ideologia dominante, ou o discurso da elite. Numa tentativa de conduzir o leitor à construção de uma nova sociedade canadense que repense o Canadá e refaça a sua história.

Ademais, concluo que autores canadenses empregam a ironia, tanto no sentido de desconstrução, como no de construção, utilizando-a de acordo com a definição dessa estratégia: como um instrumento que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que de fato pensamos.

A partir da utilização desse instrumento, esses escritores obtêm exatamente o que esperam obter: a reação do seu leitor/interlocutor - um olhar mais atento sobre as ‘minorias não visíveis’ - sobre o ‘discurso colonizador’ e todas as mazelas sociais *varridas para baixo do tapete* pela ideologia dominante. Esses autores fazem, portanto, a utilização adequada dessa estratégia retórica e estrutural. Contradizem o discurso político e expõem ao mundo o que aquele discurso teima em encobrir: as dissonâncias e diferenças reinantes na cultura canadense.

Referências

- ATWOOD, M. Canadian monsters: some aspects of the supernatural in canadian fiction. In: STAINES, D. (Ed.) **Canadian imagination**. Cambridge: Harvard University Press, 1977. p. 91-109.
- BAILEY, A. G. Evidences of culture considered colonial. In: BAILEY, A. G. (Ed.). **Culture and nationality**: essay. Toronto: McClelland, 1972. p. 178-199.
- BÜCHNER, W. **UBER den Begriff der Eironie**. Hermes 76, 1941. p. 339-58.
- DOPP, J. Who says that Canadian culture is ironic? In: ELIOTT, T. S. (Ed.). **The power of satire**. Princeton: Princeton UP, 1960.
- EAGLETON, T. **Criticism and ideology**: a study in marxist literary theory. London: New Left Books, 1976.
- FRYE, N. Conclusion to a literary history of Canada. In: FRYE, N. (Ed.). **The bush garden**: essays on the Canadian imagination. Toronto: Anansi, 1971. p. 213-251.
- FRYE, N. **Division on a ground**: essays on Canadian Culture. Toronto: Anansi, 1982.
- GAUNT, S. **Troubadours and Irony**. Cambridge: Cambridge UP, 1989.
- GOOD, E. M. **Irony in the old testament**. Philadelphia: Westminster, 1965.
- GREEN, D. H. **Irony in the mediaval romance**. Cambridge: Cambridge UP, 1979.
- GLICKSBERG, C. I. **The irony vision in the modern literature**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1969.
- HASS, H.-E.; MOHRLÜDER, G.-A. **Ironie als literarisches phänomen**. Cologne: Kiepenheuer and Witsch, 1973.
- HUTCHEON, L. **Double taking**: essays on verbal and visual ironies in Canadian contemporary art and literature. Toronto: ECW, 1992.
- MUECKE, D. C. **Irony and the ironic**. London: Methuen, 1982.
- RODWAY, A. **Therms for comedy**. Renaissance and Modern Studies 6. 1962. p. 102-25.
- WATERSTON, E. **Bogle Corbet and the annals of new world parishes**. John Galt: Reappraisals. Guelph: Unisversity of Guelph P., 1985. p. 57-62.
- WORCESTER, D. **The art of satire**. New York: Russel, 1960.

Received on April 19, 2009.

Accepted on March 22, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.